

CONTOS E DESENCONTROS: LENDO “CACHALOTE” COM “MOBY DICK”

Ionara Veiga BARBOSA
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

Resumo: Considerando o leitor-inventor de Nascimento (2009), as escritas múltiplas e a intertextualidade de Barthes (1968), este trabalho propõe uma leitura e uma leitora que se constituem entre várias escritas, especialmente entre a *grafic novel Cachalote* de Daniel Galera e Rafael Coutinho e o romance *Moby Dick* de Herman Melville.

Palavras-chave: Leitura, leitor-leitora, *Cachalote*, *Moby Dick*.

1. DO PRÓLOGO AO EPÍLOGO

Ler “Cachalote” é um verdadeiro mergulho no mar de linhas em preto e branco que desenham a *grafic novel* de Daniel Galera e Rafael Coutinho. Quase impossível não lembrar a mais conhecida de todas as baleias cachalotes do mundo: *Moby Dick*, do grande romance de Herman Melville. O que pode surgir de um encontro (ou desencontro) entre um cânone literário publicado em 1851 e uma HQ¹ lançada em 2009? Este trabalho, de certa forma, responde a essa questão.

Para situar o problema, trago de forma bastante sucinta uma descrição do roteiro de “Cachalote” e depois comento brevemente as cinco histórias que se enredam nessa HQ. O livro começa com o que podemos definir como uma espécie de prólogo: uma velha senhora grávida encontra-se sozinha em uma mansão. Ela aparece tocando um piano e depois assistindo a um filme. De repente, olha para o relógio e vai nadar na piscina da mansão, onde encontra uma baleia, o grande cachalote. As duas se aproximam e a senhora toca o “rosto” da baleia com as pontas dos dedos. É preciso destacar que não há nenhum diálogo nessa sequência. O leitor está sozinho para interpretar essas imagens.

Depois dessa introdução iniciam-se as cinco histórias, com cinco protagonistas: um ator chinês decadente envolvido com a morte (para a dúvida sobre um suicídio) de seu melhor amigo; um escultor dedicado a sua arte, que tem sua rotina abalada quando um cineasta resolve filmar sua vida; um vendedor que pratica *kinbaku* (estilo japonês de amarração sexual) e que se envolve com uma garota linda, porém frágil, e fazem a experiência do limite; um playboy sustentado pelo tio e expulso da casa quando este

¹ Há versões de *Moby Dick* em quadrinhos. “Cachalote” não se apresenta como versão da obra de Melville.

descobre que era traído pela esposa e pelo sobrinho; um escritor deprimido que se separa da mulher, mas que a ela se mantém unido justamente pelo que os havia separado: uma filha. As histórias não se tocam em nenhum momento, apresentam enredos distintos, mas são narradas sequencialmente. O leitor percebe que as histórias mudam devido às alterações repentinas no cenário e no ritmo dos quadrinhos.

Embora as histórias sejam independentes, há elementos que sustentam a unidade do livro: acontecimentos bruscos e “sem explicação” que alteram a vida desses homens. Esses acontecimentos desencadeiam nas personagens angústias, dúvidas, tristezas e medos através de vivências cotidianas como amor, sexo, amizade, trabalho, solidão, e a morte. Essas experiências, narradas e desenhadas de forma muito detalhada, tornam cada história, tomada isoladamente, uma história que se sustenta. No entanto, a presença da baleia, o grande cachalote, traz certa instabilidade para o leitor: o que essa baleia está fazendo ali? Para tentar responder, temos que descrever também o epílogo, momento em que reencontramos a velha senhora e baleia.

Ao fim das cinco narrativas, aparecem em uma praia a velha senhora e um menino. O filho que ela estava esperando? É possível supor. Ele está brincando na areia e entre seus brinquedos há uma baleia em miniatura, que cabe em sua mão de criança. Então, ele olha para o mar, a velha também olha e os dois se abraçam. É uma despedida? O menino se encaminha para o mar, a velha recolhe os brinquedos, e a última cena é uma vista do mar para a areia – a visão do menino. É uma cena que maravilha, que nos desloca, abala. A sequência toda, tal como o prólogo, é sem palavras.

Para tentar decifrar o enigma da baleia na HQ, acompanho também a história de Rique, o único personagem, à exceção da velha, que encontra uma baleia cachalote. Expulso de casa pelo tio que o sustentava até descobrir que ele o traía com a tia, Rique tenta falar sobre seu pai, irmão desse tio, e é impedido. O tio dá a ele uma passagem de ida para Paris e algum dinheiro para que ele “se vire” e tente recomeçar a vida longe dali. Na Europa, envolve-se em uma série de “roubadas”, viajando de um lado para outro e gastando dinheiro. Por fim, completamente perdido, dirigindo meio sem rumo, resolve parar em um vilarejo litorâneo. Quando está chegando à praia, cruza com um menino correndo assustado, e que parece tentar avisá-lo de algo. Rique continua andando e encontra uma baleia encalhada na areia. Tenta chamar alguém, ninguém o ouve. Então, num gesto de compaixão, tenta salvar a baleia, empurrando-a de volta ao mar e tentando mantê-la molhada. Por fim, exausto, senta-se ao lado dela e acende um cigarro.

2. A CRIAÇÃO DE UM LEITOR (LEITORA)

Para responder pelo encontro ou desencontro entre “Cachalote” e “Moby Dick”, propomos retomar algumas teorias de análise textual, em particular aquelas que preconizam o leitor, em detrimento do autor e do texto. Nas palavras de Nascimento (2008, p. 117), o leitor (leitora) deixa de ser “o consumidor passivo de conteúdos pré-formados (...) para se tornar um novo tipo de *inventor*”. Esse leitor passa a ativar memórias, contextos e situações vividas para dar sentido ao texto, que não funciona mais como uma entidade fechada, que deve ser apenas decodificado e compreendido, e passa a funcionar de forma

interativa com o leitor, que vai articular uma série de outros textos e contextos para dar sentido ao que tem em mãos (CHARTIER, 1999). O advento do leitor ganha força com Barthes no ensaio intitulado “A morte do autor”:

Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse *alguém* que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (BARTHES, 1968, p.5)

Barthes difundiu o termo “intertextualidade”, que foi introduzido por Julia Kristeva nos estudos da literatura, a partir do conceito bakhtiniano de dialogismo. Nas palavras de Fiorin, “o discurso literário não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais, um cruzamento de citações” (2008, p.51).

Considerando a posição do leitor das “escritas múltiplas” barthesianas, entre elas as imagens gráficas, este trabalho propõe uma leitura da HQ “Cachalote” com “Moby Dick”. Essa leitora recorre à obra de Melville para entender a presença da baleia na HQ², buscando as simbologias nessa rede intertextual que o texto (como também os quadrinhos) é.

3. EM BUSCA DO QUE SE OCULTA

Dentro do campo literário, e talvez não só nele, podemos confundir a espécie de baleia cachalote com um nome próprio, qual seja, Moby Dick. Moby Dick é sem sombra de dúvida o cachalote mais conhecido do mundo, e por isso empresto sua simbologia para tentar entender a presença desse Leviatã na *graphic novel* de Galera e Coutinho.

“Moby Dick” abre espaço para uma gama infinita de interpretações e reflexões. Nas palavras de Claudia Nigro por ocasião do aniversário de 160 anos dessa baleia: “...temos na obra de Melville discussões sobre o autoconhecimento, a inevitabilidade do destino, a tolerância, a religião, a obsessão, o idealismo...”³ É essa “inevitabilidade do destino” que busco descobrir nas histórias da baleia nessa HQ. Muitas interpretações sugeriram que essas eram passagens de um sonho. Tomo, então, a presença do cachalote e sua relação com o mais antigo dos cachalotes literários como um elemento poético que possibilita algumas leituras.

São várias as passagens em que Herman Melville expõe o destino como algo inevitável, lidando com a dicotomia vida e morte. O reencontro com a baleia branca é para Ahab a vida, por mais que isso também o leve à morte. Há somente destino a ser vivido. Nas palavras de Deleuze e Guattari (1992 p.219-220), “É Ahab que tem as percepções

² Will Eisner também criou sua versão em quadrinhos de Moby Dick, *A baleia branca*.

³ Ver <http://www.diarioweb.com.br/novoport/Noticias/Eventos+Shows/75136Moby+Dick+completa+160+anos+com+diferentes+interpretacoes.aspx>. Acesso em 12/06/2012

do mar, mas só as tem porque entrou numa relação com Moby Dick que o faz tornar-se baleia, e forma um composto de sensações que não precisa de mais ninguém: Oceano”.

A etimologia da palavra cachalote, segundo o World English Dictionary, é obscura. O dicionário Le Tresor de la Langue Française indica *cachalote* e *cacholote* como derivados do português *cachola* “cabeça grande”. Contudo, essa origem que se oculta na história pode ser encontrada na própria palavra, pois, como revela Viola Sachs (2002), “o substantivo francês *cachalot* (...) pode ser lido como *cache a lot*, isto é, *cache* (“esconde”, em francês) *a lot* (“muito”, em inglês)”.

Dois trechos pinçados de Moby Dick nos dão alguma dimensão da simbologia dessa baleia:

Embora os elefantes tenham posado para retratos de corpo inteiro, um Leviatã com vida jamais flutuou o bastante para que se fizesse o seu retrato. A baleia com vida, com toda sua majestade e importância, só pode ser vista no oceano, em águas insondáveis; e flutuando, seu vasto volume tampouco se vê. (...) Por todas essas razões (...) é forçoso concluir que o **grande Leviatã é a única criatura do mundo que deverá permanecer para sempre inexprimível**. (MELVILLE, 2008 p.286 – 287, grifo meu)

E, mais adiante:

Quanto mais penso nessa cauda poderosa, mais lamento a minha pouca habilidade em descrevê-la. Há nela certos gestos que, embora pudessem dignificar a mão de um homem, permanecem totalmente inexplicáveis. Num bando grande, às vezes, esses gestos misteriosos são tão extraordinários que escutei caçadores dizendo que são parecidos com os sinais e símbolos da maçonaria; que a baleia, de fato, por esses métodos conversa inteligentemente com o mundo. (...) **Por mais que a disseque, não consigo ir além da superfície da sua pele; não a conheço, e jamais a conhecerei**. (p. 399, grifo meu)

O cachalote é o maior mamífero da terra. Além de ser enorme, é o mamífero que consegue mergulhar mais fundo e por mais tempo, e talvez por isso permaneça um mistério para os homens. Como não sabemos o que acontece nas profundezas dos oceanos, ela é “a única criatura do mundo que deverá permanecer para sempre inexprimível”, assim como os acontecimentos nas vidas das personagens de “Cachalote” também ficam sem explicação. Somos capazes de ouvir as personagens se perguntando: Por que isso está acontecendo? Seria a inevitabilidade do destino? No entanto, não temos respostas, assim como não podemos conhecer de fato um cachalote. Nós o dissecamos, caçamos, mas não conseguimos alcançar as profundezas em que nada. O Homem, representado pelos cinco personagens, conseguirá decifrar todas as dimensões que estão em jogo em sua vida, aqui e agora?

4. A ARTE E A VIDA

Retomo o prólogo, com a velha nadando na piscina com a baleia. Esse é o primeiro contato que os leitores têm com o cachalote. Ele está na piscina, em um ambiente delimitado, e nós o tocamos com as pontas dos dedos da velha, com cuidado, com medo

de prejudicar o que a velha traz dentro de si (um filho). Queremos nos proteger e proteger aquilo que geramos. Proteger esse ser desconhecido desse monstro que a baleia e a vida são. Mas, por enquanto, ela está dentro de limites, a barriga, a piscina. Olhamos a baleia com distanciamento, tendendo a duvidar do que nossos olhos veem. Seria, talvez, o mesmo olhar que a tripulação do *Pequod* tinha diante do capitão Ahab: a “nossa concepção de realidade” não “consegue perceber a grandeza” da mania de Ahab⁴.

Encontro-me agora na cena com Rique e a baleia encalhada. Ele tenta empurrá-la de volta ao oceano. Então nos deparamos com a loucura, acontecimentos da vida que nos fazem às vezes flertar com a insanidade. Estamos encurralados, sem rumo e nos deslocando ao acaso, como Rique. E quando menos esperamos, ela (a baleia, a vida) está à nossa frente, e nos vemos sós, tentando empurrá-la de volta para o lugar de onde veio, ou tentando salvá-la da morte. Rique desiste de empurrá-la, e senta-se ao seu lado, fumando. Um ato de resignação? Ou, como escreveu D. H Lawrence em sua crítica sobre *Moby Dick*, algo que “(...) faz com que sintamos que nosso dia é apenas um dia. Que na escuridão da noite outros dias se agitam fecundos logo à frente, quando nos desprendemos da existência”. (MD p.608)



... o ponto de discussão é se o Leviatã (...) não será afinal exterminado dos oceanos, e a última baleia, como o último homem, fumará seu último cachimbo e evaporar-se-á na baforada final. (MD p. 479)

⁴ Ver <http://moedoteca.blogspot.com.br/2008/07/moby-dick-herman-melville-editora.html> Acesso em 18/06/2012

Então voltamos à sequência de cenas mais bela de todo o livro. São as cenas finais, em que o filho e a mãe estão na praia. Após o abraço, o filho afasta-se da mãe, e entra no mar. E a mãe, que antes temeu por ele ao entrar em contato com o cachalote na piscina, agora se afasta. Aceitamos o nosso destino? Temos alguma resposta?



A cena desenhada do ponto de vista do menino, olhada a partir do mar, remete-me a mais uma leitura, agora a uma imagem descrita no livro “Musashi”:

Círculo. Um círculo. Por mais que o contemplasse, o círculo era apenas um círculo. Interminável, inquebrável, sem extremidades, sem hesitações, era um círculo. Ampliando-o infinitamente, era a própria representação do mundo. Diminuindo-o radicalmente, ali estava ele, Musashi, em seu centro. O mundo era um círculo, ele também: não podiam ser duas identidades distintas. Eles perfaziam uma única identidade. (YOSHIKAWA E. Musashi Volume II p. 1678)

É como se a vista do mar nos remetesse ao círculo ampliado, afinal, o menino está indo ao encontro do oceano, da imensidão, do mistério, da vida. A velha vista de longe (por nós? Pelo menino?), remete-nos ao círculo diminuído, a nossa identidade, composta por todas as nossas vivências, e da qual temos sempre apenas uma visão parcial.

Ahab e sua tripulação, após três anos de busca, iniciam a caçada a Moby Dick. A baleia acaba por vencê-los, levando o navio ao naufrágio e toda a tripulação à morte, mas fica também mortalmente ferida. Porém, não era essa busca que os movia? Não era ela que os fazia viver, mesmo que viver fosse andar, passo a passo, em direção à morte? A última sequência de “Cachalote” pode ser, de certa forma, intervalada ao grande desfecho de Moby Dick nas profundezas. A baleia dos quadrinhos, branca, à luz do dia, ainda que na superfície, continua enigmática.

Os acontecimentos da vida das personagens, tanto de “Cachalote” quanto de “Moby Dick”, conduzem a um destino inexorável. Todos temem o desconhecido e lutam contra ele. Porém, o que se oculta é exatamente aquilo que dá sentido à vida e que deve, talvez por isso mesmo, permanecer à sombra... A baleia, ‘O Leviatã’, emerge das águas profundas para nos lembrar de que convivemos com o mistério, tal como a arte, aqui expressa pela Literatura, que nunca se mostra totalmente, mesmo desenhada, preto no branco, na superfície. Por mais que nos dediquemos a ler e a interpretar, sempre haverá outras leituras e leitores... *a lot*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. A morte do autor. In O Rumor da Língua. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/34319896/BARTHES-Roland-A-morte-do-Autor-in-O-Rumor-da-lingua>
- CHARTIER, R. (1999). Práticas da leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1992). O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34.
- EISNER, W. (1998). A baleia branca. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras.
- FIORIN, J. L. (2008). Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática.
- GALERA, D.; COUTINHO, R. (2009). Cachalote. São Paulo: Companhia das Letras.
- GODOT NÃO VIRÁ. Disponível em <http://godotnaovira.wordpress.com/2010/08/24/cachalote/> Acesso em 12/06/2012.
- MELVILLE, H. (2008). Moby Dick. Tradução de Irene Hirsh e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify.
- NASCIMENTO, E. (2008). Texto, textualidade, contexto. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial. p. 109-131.
- SACHS, V. Uma identidade americana pluri-racial e pluri-religiosa: a África negra e *Moby Dick*, de Melville. **Scielo Brasil**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200014&lang=pt Acesso em 18/06/2012.
- YOSHIKAWA, E. (1999). Musashi (vol. II). Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade.